PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

VITOR MARTINS

ESCRITO EM ALGUM LUGAR

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

página 7 AGÊNCIA LITERÁRIA

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Um

Estou na casa dos meus dois melhores amigos bebendo o vinho mais barato do mercado e assistindo a clipes de música pop no YouTube, porque hoje é uma sexta-feira à noite no fim de mês e nós somos três gays de vinte e poucos anos com empregos horríveis. E, bem, é isso que gays de vinte e poucos anos com empregos horríveis fazem no fim do mês. É parte da nossa cultura.

— Desculpa, Antônio, mas não vai rolar —

Thiago grita da cozinha enquanto luta para abrir mais uma garrafa de vinho usando uma faca, porque ninguém sabe onde está o saca-rolhas.

— Mas o Marcos disse que se você for ele vai

— eu respondo, quase choramingando.

Thiago e Marcos são um casal e também meus melhores amigos. Na verdade, os dois eram meus amigos antes de serem um casal, e hoje eles só estão juntos por minha causa. Conheci Thiago na faculdade e Marcos no estágio. Em algum momento, esses meus dois mundos colidiram, eles PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se conheceram, se pegaram no banheiro de um bar imundo e hoje são praticamente casados. Eles moram juntos, o que é a versão gay do casamento.

— O Marcos só diz isso porque ele quer se livrar da responsabilidade e deixar o peso das decisões sobre os meus ombros — Thiago diz com a voz dramática de sempre, voltando para a sala com o vinho finalmente aberto.

— Isso não é cem por cento verdade —

Marcos se justifica. — Mas eu realmente não estou em um momento da vida em que posso gastar duzentos reais em um ingresso para o show de uma banda que eu nem conheço!

— Não seja por isso, você pode conhecer agora! — eu digo, empolgado, pegando o controle da TV e digitando "Triple J" na busca do YouTube

pegando o controle da TV e digitando "Triple J" na busca do YouTube.

— Antônio, você está proibido de abrir o portal das boybands nessa casa! Eu ainda não bebi o suficiente — Thiago protesta.

Mas é tarde demais. Em menos de 3 segundos, o clipe de *Marshmallow Heart* já está tocando na TV e, enquanto Thiago e Marcos discutem sobre o sumiço do saca-rolhas, eu uso minha taça de vinho como microfone e canto a música que já ouvi um milhão de vezes, pensando que em poucos meses PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu finalmente vou poder ver minha boyband favorita ao vivo.

— Mas você vai sozinho pra fila do ingresso?

Você não tinha um grupo de amigos enorme que gostava dessa banda? Eu lembro que você era da equipe do fã-clube e tudo! É impossível que não exista ninguém pra ir com você! — Thiago comenta, voltando a atenção para mim.

— Eu acho que depois que a banda se separou, meio que todo mundo seguiu em frente com a vida, sei lá. São pessoas que eu não converso há uns seis anos. Eu sei que uma das minhas amigas da época de fã clube não vai poder ir porque o show é no dia do chá de bebê do filho dela. *Chá de bebê*. Os anos passam muito mais rápido para os héteros.

— Às vezes essa é uma oportunidade para você conhecer novas pessoas, sei lá. Sair da sua zona de conforto, encarar novos desafios… —

Marcos diz como se ele fosse ou um coach ou o *meu pai*.

É engraçado, mas às vezes é assim que eu me sinto. Nós temos 26 anos (o Thiago fez 27 mês passado e desde então ele usa "eu já estou beirando os trinta!!!" como argumento para qualquer coisa), mas na maior parte do tempo eu sinto como se eles PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dois fossem sempre os adultos responsáveis por mim. Os dois moram juntos, em um apartamento só deles, cheio de itens de casa descolados, tipo aquelas

borrachinhas coloridas para colocar na haste da taça de vinho e identificar qual copo é de quem. Eles têm números de eletricistas salvos no celular e colecionam os selos do supermercado para trocar por panelas. Eles até têm uma marca favorita de amaciante!!!

E eu? Aos 26, ainda moro com a minha mãe e sei que o ponto alto do meu ano vai ser assistir ao show de retorno de uma boyband que, quando estava no auge, eu já era velho demais para gostar.

Mas eu amo Triple J e a gente não consegue mandar no coração.

— Eu só quero ir nesse show porque eu tenho uma obrigação moral comigo mesmo, ok? Não é como se eu ainda amasse TJ como amava na época da faculdade — minto, porque ainda amo igual.

— A gente pode te fazer companhia na fila, se você quiser — Marcos diz, se solidarizando.

— Para de ser doido, Marcos! — Thiago grita

— Isso não vai ser uma fila tranquila que nem as de cantora sapatão de MPB que faz show no Sesc! O

Antônio vai *dormir na rua*. Ele vai passar *a* PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

madrugada na fila.

Eu fico em silêncio, coçando a minha barba e sentindo vergonha das minhas decisões.

— O que eu totalmente respeito e apoio porque você é meu melhor amigo e eu te amo. Mas você sabe, né? Eu já estou beirando os trinta… —

Thiago usa seu argumento oficial com a voz mais gentil, ao perceber que seu tom agressivo me assustou um pouco. Ele, mais do que ninguém, sabe como esse é um assunto delicado para mim.

— Tá tudo bem, gente, de verdade. É só uma noite. Eu só preciso garantir meu ingresso e o resto vai dar certo! — respondo com um sorriso amarelo no rosto.

— Sabe, Toni… — Thiago me puxa da poltrona individual onde estou sentado e me espreme entre ele e Marcos no sofá de dois lugares.

— Desde quando você me chama de *Toni*? —

pergunto, rindo.

— Me deixa ser carinhoso, caralho! — Thiago diz, me abraçando — Eu só quero que você tenha uma experiência incrível, independente da música que estiver tocando. Tipo quando eu fugi da escola no segundo ano para ver um pocket show do Rouge num shopping na puta que pariu da Zona Sul.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já viajei pra três estados diferentes só pra ver a Maria Bethânia — Marcos completa, porque ele é o tipo de gay Maria Bethânia.

— E eu vou passar uma madrugada inteira sentado em uma calçada para ter certeza que vou conseguir comprar o meu ingresso da turnê de *comeback* de uma boyband norte-americana —

declaro meus planos para o fim de semana em voz alta pela primeira vez e me sinto bem menos ridículo do que achei que me sentiria.

Thiago e Marcos continuam me abraçando porque vinho barato faz com que eles fiquem extremamente abraçadores. A TV continua exibindo clipes do Triple J, um atrás do outro, e nós três ficamos em silêncio assistindo ao vídeo da baladinha romântica *Love Is Like a War*, onde os três membros da banda estão cantando sem camisa e sujos de fuligem no meio dos escombros de uma casa demolida. É brega demais, eu amo.

— Esse do meio é uma gracinha — Marcos comenta.

— Vai perder a chance de ver o Jeff ao vivo?

— eu provoco, deixando de lado o fato de que o Jeff é o membro mais insuportável da banda.

— Desculpa, amigo, mas essa eu vou deixar PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passar — Marcos me responde sorrindo enquanto vai até a cozinha pegar mais azeitonas para o pratinho de petiscos.

Thiago aproveita para ir ao banheiro, fumar um cigarro ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

E eu continuo olhando para a TV, cantando sozinho as músicas da melhor banda do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dois

No momento em que vejo a multidão de adolescentes gritando, eu imediatamente me arrependo de todas as decisões que me trouxeram até aqui.

São seis da tarde de uma sexta-feira gelada e eu estou em uma caminhada infinita em busca do final da fila para comprar um ingresso para o show do Triple J. Penso em desistir umas duzentas vezes, mas mantenho em mente que esse é o único show no Brasil da turnê inteira e, provavelmente, a única oportunidade de ver a minha boyband favorita ao vivo. Eu devo isso para o Antônio de seis anos atrás que nunca imaginaria que um retorno do TJ poderia ser real.

Ao longo da fila, vejo garotas muito mais novas que eu usando camisetas com fotos dos membros da banda e segurando cartazes com declarações de amor, e fico surpreso que as pessoas literalmente montaram um acampamento aqui. Eu nunca imaginei que essa coisa de acampar na fila PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse *real* até ver as fotos das barracas no Twitter enquanto buscava informações sobre a venda de ingressos na hashtag #TripleJNoBrasil mais cedo.

Mas ver isso de perto é muito mais inacreditável.

Dou quase uma volta inteira no estádio do Palmeiras até encontrar o fim da aglomeração de gente. Um grupo de meninas canta *Marshmallow Heart* a plenos pulmões e sem nenhuma afinação.

Atrás delas, um homem que parece ser a única pessoa mais ou menos da minha idade na fila inteira está parado com os braços cruzados e a cara fechada de quem gostaria de estar em qualquer outro lugar no mundo.

— Com licença — eu digo, tocando o ombro do mal-humorado com um pouco de receio porque, apesar da sua expressão intimidadora, ele é bem gato. — É aqui o final da…

— Eu não trabalho aqui, ok? — ele responde de imediato, sem me deixar

terminar a pergunta.

— Eu só quero saber se você está na fila ou não — rebato, tentando parecer igualmente impaciente e agressivo. Provavelmente não consigo, mas ainda assim tento.

— Ah, sim. Eu tô na fila. Foi mal. É que desde que eu parei aqui já perdi as contas de quantas PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

crianças vieram me pedir informação. Às vezes elas me chamam de *tio* — ele desabafa, dando detalhes que eu não pedi e soltando uma risada nervosa.

Me sinto aliviado que o clima de tensão entre nós dois durou exatamente três segundos, porque eu não sei se seria capaz de virar a noite em uma fila atrás de um cara grosseiro, desses que arrumam briga com estranhos por qualquer motivo.

Observando de perto, não posso reclamar da visão que tenho daqui. O estranho na fila é um pouco mais alto do que eu e tem ombros largos e fortes.

Ele é negro de pele escura, veste um moletom amarelo e passa a mão na lateral raspada do cabelo o tempo todo, como se estivesse nervoso ou qualquer coisa do tipo. Mas o que me pega são as sobrancelhas. Suas sobrancelhas são grossas e, por mais esquisito que isso possa parecer, eu sempre tive uma quedinha por sobrancelhas grossas.

Principalmente se elas forem expressivas, do tipo que se mexem pra cima e pra baixo mesmo quando a pessoa não está falando nada.

Me posiciono no fim da fila, sem a menor ideia de como serão as próximas horas. É a primeira vez que eu faço uma loucura dessas. Vez ou outra o estranho da fila se comunica comigo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

através de suas sobrancelhas ultra expressivas, mas nós dois passamos um bom tempo em silêncio, encostados numa grade de segurança e ouvindo o grupo de meninas cantoras na nossa frente.

— Ô tio, que horas a bilheteria vai abrir? Sabe se passa cartão? — uma garota de provavelmente dezesseis ou dezessete anos me pergunta enquanto literalmente puxa a manga da minha camisa.

— Eu não trabalho aqui, mas a bilheteria abre amanhã às nove da manhã — explico enquanto o Sobrancelhas segura uma risada. — E você pode pagar no débito ou no crédito em até três vezes, mas só pode comprar um ingresso por CPF.

Dou a resposta completa porque li as regras do show mais de uma vez no site da turnê e não me custa nada passar a informação, mas a garota dá as costas e vai embora sem nem agradecer. As costas da sua camiseta estão estampadas com TEAM

JEFF e inevitavelmente eu solto uma bufada de desaprovação, porque é óbvio que o favorito de uma garota mal-educada tinha que ser o pior membro do Triple J.

— Ah, esses jovens — eu digo para o Sobrancelhas, tentando puxar assunto e forçando um pouco a barra, mas ele só dá uma risadinha e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

balança a cabeça.

Eu me sinto ridículo.

Eu não sei como dizer isso sem parecer um babaca que perpetua regras normativas de gênero, mas vou dizer mesmo assim: Triple J sempre foi uma banda feita para garotas. Isso está explícito na maioria esmagadora de meninas na fila, nas letras das músicas e no jeito como Jay, Jacob e Jeff sempre foram vendidos pela mídia. Eles eram os namoradinhos perfeitos que toda adolescente da década passada sonhou em ter. E no meio disso tudo tinha eu, entrando na vida adulta, trabalhando no meu primeiro estágio e passando madrugadas vendo entrevistas e lendo fanfics.

Matematicamente falando, a diferença de idade que me separa do resto dessa fila

nem é tão grande. Eu tenho 26 anos e a maioria do fandom de Triple J deve ter uns 17 ou 18, 20 no máximo. Mas quando a banda anunciou sua pausa, há seis anos, eu estava na faculdade chorando na internet junto com um grupo imenso de fãs que nem tinha chegado no ensino médio. Os poucos anos que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

separam a escola da vida adulta causam um abismo de gerações muito grande, mas a verdade é que eu sempre fui um adolescente tardio. Isso é uma coisa completamente normal com gays da minha idade. É

sério, eu li uma matéria no Buzzfeed sobre isso. A gente passa a adolescência inteira enclausurado no armário e, quando finalmente consegue se assumir, quer viver tudo o que era impossível nos anos de escola.

A

matéria

falava

muito

mais

sobre

irresponsabilidade afetiva e gays adultos se comportando como adolescentes mimados, mas pra mim foi a explicação perfeita para a minha paixão genuína por música *teen* e filmes originais do Disney Channel. Eu só estou vivendo tudo o que não pude viver porque estava ocupado demais fingindo gostar de carros tunados e Red Hot Chili Peppers. Não tem nada de errado nisso.

Tem?

Só isso explica o meu completo surto quando o Triple J anunciou o seu *comeback*, com direito a turnê mundial e tudo. Eu esperei por esse momento a vida inteira. A banda já havia passado pelo Brasil no show do último álbum, mas eu deixei a oportunidade passar justamente por causa dessa PERIGOSAS

vergonha boba de gostar de coisas de adolescente.

Não quero cometer o mesmo erro de novo, e é por isso que vou passar quinze horas nessa fila, comprar o meu ingresso e ver Jay, Jacob e Jeff ao vivo pela primeira vez. E cada minuto vai valer a pena.

Três

São nove da noite e eu já estou com frio, morrendo de fome e querendo ir embora.

As garotas cantoras na nossa frente se aquietaram e se sentaram no chão. Sobrancelhas se sentou também, e eu fiz o mesmo porque não tenho mais nada a perder. Atrás de mim, a fila ganhou proporções absurdas e eu já não consigo mais enxergar onde ela termina.

Os carros passam pela avenida e alguns chegam a diminuir a velocidade só para observar os fãs, como se fossemos animais em um zoológico.

Eu queria ter alguém para conversar, mas Sobrancelhas vestiu o capuz e está com a cara enfiada no celular, se esforçando muito para passar despercebido. Eu tenho quase certeza de que ele está aqui para comprar um ingresso de presente para a sobrinha ou qualquer coisa assim, porque o seu desconforto está evidente.

— Eu tenho uma proposta — ele diz, do nada, tirando o capuz e olhando para mim.

Eu demoro a perceber que ele está falando comigo.

— Eu não sei você, mas eu tô morrendo de fome — ele continua.

— SIM — grito mais alto do que é necessário.

— Infelizmente um de nós vai ter que se sacrificar — ele diz com um tom sombrio, e a minha mente começa a imaginar cenários grotescos de canibalismo.

Acho que ainda estou de boca aberta quando ele se levanta do chão.

— Vou correr antes que o shopping feche e trago comida pra gente enquanto você guarda meu lugar, pode ser?

Esse completo estranho sendo gentil comigo repentinamente talvez tenha me assustado mais do que o cenário grotesco de canibalismo da minha cabeça, mas estou faminto e cansado demais para questionar.

Tiro a carteira do bolso e começo a procurar o que

eu

tenho

de

dinheiro

trocado,

mas

Sobrancelhas me interrompe.

— Não precisa! Eu pago e depois você me dá.

Tem alguma coisa que você prefira? — ele pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sempre fui muito indeciso, já até perdi amizades por não ser capaz de escolher coisas com rapidez. Mas o shopping está quase fechando e eu preciso ser rápido.

— Pode ser qualquer coisa que venha em um combo com batata frita e refrigerante.

— McDonald's?

— Sim! Qualquer coisa. Menos McFish.

McFish é nojento.

Sobrancelhas faz um sinal afirmativo com a cabeça e se prepara para sair, mas eu grito um “Ei!”

meio tímido porque me sinto culpado por chamar o cara que está pagando meu jantar nesta noite de Sobrancelhas.

— Qual é o seu nome? — pergunto.

— É Gustavo.

— Eu sou o Antônio.

E depois disso nenhum de nós dois sabe muito bem o que fazer, então Gustavo me dá as costas e sai correndo em direção ao shopping para comprar nosso jantar. E eu não consigo deixar de reparar em como a bundinha dele fica perfeita quando ele corre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto espero Gustavo voltar, pego meu celular para conferir a hashtag #TripleJNoBrasil, que está no topo das minhas buscas desde que anunciaram a turnê. A hashtag está cheia de fotos da fila, fãs chorando porque não conseguiram dinheiro para comprar o ingresso superfaturado e haters criticando o "comeback mais desesperado do milênio, porque todos os membros dessa

boyband fracassada já passaram dos trinta, mas ainda se comportam

como

três

adolescentes

e

provavelmente algum deles deve estar precisando de dinheiro pra pagar o divórcio". Esse tipo de comentário sempre me atinge um pouco porque, aos 26, eu estou mais perto dos trinta do que dos vinte. E, bem, cá estou eu sentado no chão, encostado numa grade para poder ver meus ídolos com mais de trinta anos de perto (ou mais ou menos de perto, já que só tenho dinheiro para um lugar na arquibancada) (eu não estava brincando quando disse que os ingressos são superfaturados).

Minha fome me deixa impaciente e eu encaro o celular, vendo os minutos passarem na frente do meu papel de parede do Triple J (eu sou ridículo).

Tecnicamente, não é um papel de parede do Triple PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

J *completo* porque, diferente do fandom inteiro, eu finjo que o Jeff nem existe. A foto que estampa a tela do meu celular mostra Jay e Jacob se abraçando de lado no show de abertura da nova turnê, nos Estados Unidos. Os dois sorriem um para o outro com seus rostos perfeitos e Jay toca de leve a barriga do Jacob. É o tipo de foto que levaria qualquer fã à loucura, se o fandom de Jaycob não fosse composto por cinco pessoas, contando comigo.

A realidade é bem clara. Quando você tem uma boyband com caras lindos e uma quantidade razoável de talento, letras que grudam na cabeça e jeans apertadinhos, a primeira coisa que os fãs vão fazer é criar casais imaginários entre os membros da banda. E, logo em seguida, vasculhar na internet todas as entrevistas e cenas dos bastidores procurando pequenas evidências de que aquele casal É REAL.

Hoje em dia isso tudo parece uma grande besteira, mas nem sei quantas noites da minha vida eu perdi fazendo isso. Eu inventava pra Jay e Jacob uma história de

minha vida eu perdi fazendo isso. Eu inventava pra Jay e Jacob uma história de amor que sempre quis viver, mas nunca consegui. De certa forma, eu construí em torno desse relacionamento inventado uma barreira PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de proteção que me coloca em um lugar seguro, onde todas as coisas dão certo no final. Tenho certeza que em alguns aspectos isso nem é *saudável*, mas não consigo evitar.

— Foi aqui que pediram um lanche? —

Gustavo diz, chegando de repente e se sentando novamente do meu lado.

Meu estômago faz um barulho estranho em agradecimento e eu espero que ele não tenha escutado.

— Muito obrigado por salvar a noite — eu digo, pegando a sacola de papel que Gustavo me entrega e enfiando uma mão cheia de batata frita na boca. O cheiro da fritura faz meu coração acelerar de alegria.

Quando olho para o lado, Gustavo está timidamente tirando a caixinha azul da sua sacola.

Imediatamente eu reconheço aquela caixa e me sinto culpado.

— Puta merda, me desculpa! Eu não tenho nada contra quem gosta, ok? É só que pra mim, pessoalmente, não dá. É uma coisa meio pessoal, sei lá. Mas eu respeito todas as suas escolhas —

imploro por perdão de maneira exagerada enquanto Gustavo tira o lanche da caixinha e dá uma mordida PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no seu McFish.

Ele abre um sorriso grande demais para quem acabou de engolir um pedaço de peixe empanado e começa a rir.

— Tá tudo bem, Antônio. Eu já tô acostumado a ter meus gostos questionados a vida inteira. Eu sou fã de *Triple J*, sabe? Meus amigos me zoam por causa disso o tempo todo.

— Ahhh — eu digo surpreso e com a boca cheia de batata. — Quer dizer que você tá aqui por vontade própria então? Eu achei que você fosse comprar o ingresso pra sua sobrinha, sei lá. Se você tivesse uma sobrinha. Ou prima. Sei lá.

As palavras que saem da minha boca não fazem muito sentido e por mais ridículo que isso seja, eu tenho certeza que estou bobo assim porque acabei de conhecer o primeiro cara que aparentemente tem a minha idade e também é fã de TJ. E por acaso é muito gato. E me pagou um lanche. E gosta de McFish, porque ninguém é perfeito.

— Acredite se quiser, o ingresso é pra mim.

TêJotinha desde sempre — ele diz, usando o nome que o fandom brasileiro inventou no Tumblr, quando o Tumblr era apenas um *site* e não um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

adjetivo usado por adolescentes para definir fotos de copos da Starbucks e pares de tênis encardidos.

Todo mundo parou de usar "TêJotinha" depois que os

grupos

começaram

a

ser

confundidos

constantemente

com

fóruns

feitos

para

Testemunhas de Jeová.

Bons tempos.

Tenho vontade de encher Gustavo de perguntas. Perguntar qual o J favorito dele, qual é o melhor álbum, o melhor clipe e o melhor terno que o Jacob usou em alguma premiação. Quero saber o que ele acha do clipe de *There's a Llama in my Pool Party* (onde o Jacob está 90% do tempo molhado e sem camisa) e qual música do último álbum poderia ter sido single se a banda não tivesse acabado. Todas essas respostas poderiam me dizer exatamente o tipo de fã que Gustavo é. Mas eu não consigo perguntar nada porque, quando menos espero, tem um holofote ligado na minha cara, uma câmera de TV filma a multidão na fila e uma mulher de pé na nossa frente segura um microfone.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quatro

— Depois da pausa de seis anos, a boyband que foi um sucesso entre adolescentes do mundo todo está de volta. Superando problemas com drogas, divórcios, uma suposta sex tape vazada e diversas brigas com a gravadora via Twitter, a banda Triple J iniciou sua nova turnê mundial e o único show do grupo no Brasil vai acontecer aqui em São Paulo.

As fãs estão enlouquecidas e já acampam na fila para conseguir o tão cobiçado ingresso!

A repórter magra e de cabelo curto começa a falar, olhando fixamente para a câmera e usando todas as oportunidades que ela tem para ridicularizar a fila. Os refletores da equipe chamam a atenção e em menos de dois segundos todo mundo está de pé, gritando para a câmera e mostrando camisetas e cartazes.

— Filma aqui, Juarez. Mostra pro pessoal de casa a energia dessa garotada! — a repórter diz, apontando para a pequena multidão enquanto Juarez anda com a câmera ao longo da fila que se PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perde no fim da rua.

Eu estou de pé quando a câmera passa por mim, mas não consigo reagir com tanta empolgação. Dou um sorriso amarelo e levanto a mão mostrando três dedos, um dos símbolos universais do TJ.

Olho para o lado procurando Gustavo para rir comigo desse momento constrangedor, mas ele não está ali. Fico em pânico por dois segundos pela ausência desse cara que eu acabei de conhecer e respiro aliviado quando vejo que ele ainda está sentado, quase se escondendo entre as minhas pernas e puxando o capuz do casaco amarelo para cobrir o rosto o máximo que consegue.

— Quantos anos você tem? — a repórter pergunta para uma menina a poucos metros de onde nós estamos.

— DEZESSETE — ela grita.

— E você está nessa fila desde que horas?

— Eu cheguei hoje, mas a minha melhor amiga Hannah está acampada na boca do caixa há quase duas semanas. Ela é uma guerreira! — a entrevistada diz, com muito orgulho da sua melhor amiga Hannah.

— E os seus pais sabem que você está aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Eles acham que eu tô na casa da minha amiga. A Hannah.

A repórter aponta o microfone para outra garota.

— E o que Triple J significa pra você?

— TUDO! — ela grita, e as outras fãs em volta começam a gritar junto, como se estivessem concordando que Triple J, de fato, significa TUDO.

Eu sinto Gustavo tremendo enquanto abraça minha perna e olhando de cima eu não consigo entender se ele está rindo ou chorando. Eu deveria me abaixar e ver se ele está bem, mas eu estou totalmente entretido com essa entrevista que se desenrola como um acidente de carro que eu não consigo parar de assistir.

— E agora pra terminar, Juarez, pega essa galerinha linda aqui cantando, vamos lá. Cantem o maior sucesso da banda. Três, dois…

Mas antes que a repórter chegue no um, cada menina começa a cantar uma música diferente, quase todas em uma afinação horrível, metade sem saber as letras e aquilo tudo vira uma grande bagunça.

As luzes se apagam, Juarez desliga a câmera, a repórter entra no carro e eles vão embora sem nem PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dar tchau. Como se a visita ao zoológico tivesse acabado ali.

Aos poucos a fila vai se acalmando e eu me sento novamente ao lado de

Gustavo.

— Ela já foi? — ele sussurra.

— Já. Pode tirar o disfarce — eu digo e Gustavo tira o capuz, rindo para mim. — Mas agora você tem que me explicar o que foi isso que aconteceu. Você tá aqui escondido? Você fugiu do trabalho? Seus pais acham que você está na casa da sua melhor amiga Hannah?

— Não é nada disso — Gustavo responde, um pouco sem graça.

Ele fica quieto e eu fico paranoico achando que meu comentário ultrapassou algum limite, porque eu não sei interagir com pessoas sem achar o tempo inteiro que estou ultrapassando limites.

— Só quero que você saiba — digo, abraçando meus joelhos enquanto tento encontrar uma posição confortável para ficar sentado no chão por muitas horas — que se você realmente estiver fugindo do trabalho, eu não julgo, ok?

Gustavo ri.

— Não é isso. Eu trabalho de casa fazendo uns freelas de DEV pra uma startup de games.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha cara permanece neutra porque nada na resposta dele faz sentido pra mim tirando, talvez, a palavra "games". Gustavo parece notar, e se explica.

— Eu sou desenvolvedor de jogos. Jogos de celular que ninguém joga porque é uma empresa pequena. Mas eu escrevo os códigos que fazem as coisas acontecerem.

Ele é tão mais interessante do que eu.

— Eu trabalho no departamento financeiro de uma empresa de descartáveis, é uma emoção atrás da outra.

Gustavo ri de novo.

— Teoricamente eu estou fugido, porque eu precisei sair do trabalho uma hora antes para chegar aqui em um horário razoável — continuo falando como se de repente tivesse desenvolvido uma alergia a silêncio. — Mas eu falei que tinha médico porque se as pessoas do meu departamento descobrirem que vou passar a noite na fila do Triple J, eles vão me zoar até eu pedir demissão alegando assédio moral.

Gustavo não ri dessa vez, o que me preocupa.

— Tá vendo? É disso que eu tô falando. É por isso que eu preferi me esconder daquela jornalista PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maluca — ele desabafa, finalmente.

— Por vergonha de aparecer na TV como fã de boyband? Gustavo, a não ser que essa matéria seja um documentário da Netflix, eu te garanto que ninguém vai ver. As pessoas não assistem mais televisão.

— Mas a própria jornalista, sabe? Você percebeu como ela achava isso tudo um grande circo? Você acha que essa matéria não vai virar alimento para a internet comentar que "no ENEM

todo mundo se atrasa, mas pra ver a bandinha gringa eles dormem na fila"? — ele comenta com uma voz debochada. — Ou então vão pegar a entrevista da melhor amiga da Hannah e colocar autotune na voz dela pra fazer um remix que vai virar piada de um monte de gente. Isso cansa, sei lá.

— Você tem razão, as pessoas são horríveis —

comento sua reflexão séria com essa colocação brilhante e inédita.

— E não é só isso, sabe? — Gustavo continua, com a raiva de quem tem coisas que sempre quis dizer, mas nunca encontrou ninguém minimamente interessado em ouvir. Agora eu estou aqui e, bem, nós literalmente temos a madrugada inteira. — Eu não sei se você passou por isso, mas é foda. A PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maioria das minhas lembranças com Triple J

envolvem esconder que gostava da banda porque todo mundo me enchia o saco. E eu tô tão cansado disso. Porque é só uma banda, sabe? E daí que a ESMAGADORA MAIORIA dos fãs são meninas dez anos mais novas do que eu? É só uma banda com umas músicas que eu gosto. Não é como se eu estivesse naquele documentário sobre homens adultos fãs de *My Little Pony*.

— Bronies — eu completo o pensamento dele com a informação.

— E eu sinceramente nem sabia direito se queria comprar esses ingressos porque sabia que ia ter que reviver um monte de lembrança ruim. E

tudo fica pior ainda porque eu nem posso chamá-

las de "lembranças da adolescência" porque na época eu já era adulto. Eu já tinha 20 anos. Já *trabalhava*! Mas aqui estou eu, sabe-se lá o motivo.

— Você só ficou porque sabia que precisava me alimentar e me fazer companhia — eu tento flertar. Gustavo nem percebe, porque eu sou um fracasso para flertes e obviamente escolhi o momento errado.

— Desculpa, Antônio. Eu me sinto tão ridículo reclamando dessas coisas. Tipo quando a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Kim Kardashian perde o brinco de diamantes dela e começa a fazer um escândalo e a Kourtney fala

"Kim, existem pessoas que estão morrendo".

— A Kourtney é de fato a melhor Kardashian

— faço mais uma colocação que não ajuda em nada no rumo da conversa, mas Gustavo ri mesmo assim.

— E desculpa se eu comecei a falar sobre tudo isso do nada.

— Você nunca deve pedir desculpas por falar demais. Principalmente pra mim. Porque eu sou sempre a pessoa que fala demais e fico paranoico depois,

pensando em todos os momentos em que poderia ter ficado quieto. Eu te juro que tem momentos de 2005 que até hoje passam pela minha cabeça antes de dormir e eu penso "parabéns, Antônio, pela sua total incapacidade de calar a boca!".

Bato palmas de um jeito ridículo e Gustavo, como de costume, ri. Eu gostei da cara de sério que ele tinha quando o encontrei parado no fim da fila.

Era meio sexy. Mas quando esse garoto sorri, é um outro nível. Os olhos se fecham e a boca se abre em um sorriso lindo. Se alguém já escreveu um livro de autoajuda chamado *Sexy é ser feliz*, foi porque PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essa pessoa viu Gustavo sorrir.

— Eu queria que a gente estivesse numa mesa de bar, e não sentados no meio da rua — ele diz, batendo de leve na minha coxa, o que interpreto como um bom sinal.

— Bem, eu tenho uma amiga que diz que qualquer lugar pode ser um bar se você tiver cerveja e força de vontade — eu digo.

Nenhuma amiga minha disse essa frase. Eu acabei de inventar. Mas eu não tinha certeza se esse era o tipo de frase que é engraçada na nossa cabeça e quando você diz em voz alta é lamentável, então preferi jogar os créditos para outra pessoa.

Então, como num passe de mágica ou um milagre enviado pela Deusa dos Gays Adultos Que Gostam de Bandas Adolescentes, um vendedor passa na nossa frente empurrando um carrinho e gritando.

— Catuaba, cerveja, água, bala e capa de chuva!

Faço sinal para o vendedor e compro quatro latas de cerveja enquanto ele reclama do movimento fraco de vendas. Aparentemente ele tinha achado que isso aqui era um jogo do Palmeiras ou um show do Metallica, e ficou um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco frustrado porque "só tem criança na fila".

— Pronto! — eu comemoro, abrindo a primeira lata e brindando com Gustavo. — Temos nosso bar. Sobre o que você quer falar?

— Me conta a sua história, sei lá. Como o contador de uma emocionante empresa de plásticos veio parar nessa fila hoje?

Eu penso em corrigir Gustavo e dizer que eu não sou contador e a empresa onde eu trabalho é de descartáveis e não de plástico. Na real, a maior parte dos nossos produtos são de papel! Mas eu consigo imaginar ele bocejando de tédio enquanto me ouve falar sobre trabalho, então prefiro deixar essa parte de lado.

Bebo um gole demorado de cerveja, ponderando se devo ou não falar sobre o que eu quero falar. Tenho medo de parecer aqueles malucos que falam sobre ex no primeiro encontro, mas, tecnicamente, isso aqui está bem longe de ser um primeiro encontro. Respiro fundo e resolvo falar.

— Gustavo, eu preciso saber se você está preparado para ouvir sobre o ex namorado mais lixo da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cinco

A minha vida estava perfeita quando conheci o Lucas. Estava entrando no terceiro semestre da faculdade e tinha conseguido um estágio na empresa onde trabalho até hoje. Havia finalmente tomado coragem de conversar abertamente com a minha mãe sobre a minha sexualidade e, ao contrário da tragédia que eu imaginava que aconteceria quando eu falasse "Mãe, eu sou gay", a situação foi supertranquila. Ela disse que eu não estava contando nenhuma novidade, me mandou tomar cuidado porque as pessoas são cruéis e me pediu para separar o que tinha de roupa suja no meu quarto e colocar na máquina de lavar. Simples assim.

Eu estava com a minha vida acadêmica, profissional e familiar em total equilíbrio e, pra completar, o Triple J tinha acabado de entrar em turnê e os rumores de um show no Brasil estavam fortíssimos. O que poderia dar errado?

Bem, o Lucas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A gente se conheceu no aniversário de uma colega da faculdade. Era esse tipo de comemoração onde todo mundo vai para um bar pequeno que não tem estrutura para acomodar o grupo enorme de pessoas que foi convidado e, no fim das contas, todo mundo fica em pé bebendo e conversando na calçada. Eu estava lá, o Lucas estava lá, ele demonstrou interesse e a gente se beijou naquela noite. Trocamos números, conversamos por um tempo, saímos algumas vezes e um dia eu acabei pedindo ele em namoro e ele aceitou. Não foi um pedido memorável, mas foi importante demais para mim.

A questão é que, na minha cabeça, um cara como o Lucas nunca olharia para mim, quem dirá me namorar. Lucas era magro e, dependendo da iluminação, o seu corpo era até um pouco musculoso. Eu era um pouco mais gordo do que sou hoje e estava cansado de pular de um aplicativo para outro conhecendo estranhos e começando conversas com "e aí? curte gordinhos?" para evitar a dor da rejeição quando chegasse a hora de trocar fotos que mostrassem mais do que o meu rosto.

Lucas estudava cinema, já havia viajado para uns quatrocentos países e sonhava em mudar o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo com a sua arte. Eu estudava matemática, nunca havia saído do Sudeste e sonhava em trabalhar de carteira assinada para poder me aposentar cedo. Nós éramos muito diferentes, mas, de alguma forma, a gente se completava. Eu me sentia bem quando estava com ele. Na maior parte do tempo.

As nossas diferenças sempre foram uma grande piada entre nós dois e eu estaria mentindo se não dissesse que havia me pegado várias vezes planejando nosso casamento com o tema "Os opostos se atraem".

A coisa foi ficando séria. Nosso namoro foi durando dois, três, quatro meses e no quinto mês eu conheci a família de Lucas. Seus pais e sua irmã mais nova me acolheram com muito amor em um jantar na casa deles e o jeito como tudo aquilo parecia normal me deixava encantado. Eu sempre imaginei que, se fosse para viver uma história de amor, ela seria sofrida e cheia de drama, mas com Lucas tudo era simples. Eu vivi experiências que hoje percebo como são raras. Trocar receitas com a sogra não é o tipo de coisa que qualquer homem gay pode fazer e, por um tempo, eu pude.

A primeira vez que eu me senti desconfortável PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com Lucas foi no dia em que o show do TJ no Brasil foi confirmado e divulgaram as datas para as vendas dos ingressos. Gosto musical era uma das muitas coisas que eu e Lucas não tínhamos em comum. Eu nunca tive a oportunidade de falar

"Olha eu sou apaixonado pela boyband Triple J, sei todas as letras de trás pra frente, li mais fanfics de TJ ao longo da vida do que qualquer outro tipo de literatura e tenho um blog no Tumblr chamado *fuckyeahjaycob* onde posto fotos do Jay e do Jacob diariamente para os meus 27 seguidores". Mas também nunca achei que esse tipo de conversa seria necessário.

Nós dois estávamos em uma exposição no MIS em um sábado qualquer quando

decidi jogar o assunto no ar.

— Então, vai ter um show no fim do ano que eu tô querendo ir. Semana que vem começam a vender os ingressos e se você quiser ir comigo, vai ser bem legal.

— Show de quem?

— Triple J — eu quase sussurrei.

— Não conheço — Lucas respondeu, seco.

— É uma banda. Uma boyband, na verdade

— eu disse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquela dos três irmãos?

— Não, essa é outra. O Triple J é essa aqui —

eu virei meu celular para ele, mostrando a capa do último álbum no meu aplicativo de música.

Lucas soltou uma risada alta como se eu tivesse mostrado um vídeo da Galinha Pintadinha para ele. Eu fiquei parado, sem reação.

— Você gosta mesmo disso? — ele perguntou incrédulo, como se esperasse que a qualquer momento eu fosse revelar que meu convite era só uma brincadeira.

— Gosto. Meio que ironicamente, sabe? As músicas são legais, sei lá — menti, porque nunca gostei de Triple J ironicamente. Sempre foi genuíno.

— Bem, se você quiser, pode ir. Mas eu tô fora — Lucas disse, encerrando o assunto e andando na minha frente pelo corredor do museu.

Aquilo me deixou irritado porque em momento algum eu pedi pela *permissão* dele. Eu estava apenas convidando o meu namorado para ir a um show comigo. E também porque Lucas gostava de muita coisa ruim e eu nunca havia

desmerecido nada do que ele gostava daquela forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Algumas semanas antes da tarde no museu, Lucas tinha me levado para uma exibição de filmes de terror mudos, com música ao vivo. A música era experimental e tinha um cara que literalmente tocava violão usando um garfo. Foram as piores duas horas da minha vida e eu só queria pegar o garfo do músico e perfurar meus ouvidos para fazer o sofrimento passar.

Mas eu nunca disse isso para o Lucas. Quando a apresentação acabou, ele me perguntou "gostou?"

e eu respondi "diferente, né?", e depois fomos comer cachorro-quente. Porque era assim que eu lidava com as nossas diferenças. "Diferente, né?" e depois, comida.

Falando assim pode parecer besteira, mas a minha sensação é que, a partir do dia do museu, ele quebrou uma barreira de respeito que existia entre nós e se sentiu livre para criticar todas as coisas que eu gostava. Ele achava engraçado e eu dava risada junto porque não sabia muito bem o que fazer.

Ele riu de mim quando eu disse que estava aprendendo origami com uns vídeos no Youtube, fez cara feia quando estávamos em uma loja de roupas e eu experimentei uma bermuda do Mickey, e a coisa ficava ainda pior quando o assunto era PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cinema. Eu assistia a tudo que ele queria sem reclamar. Ele sempre fez parecer que o seu gosto para filmes era superior, e alguns dos filmes que ele me apresentou eram realmente muito bons. Mas no dia em que ele me ridicularizou na frente de um monte de amigos quando eu comentei que a cena de

“Thriller” em “De repente 30” era uma das minhas favoritas, eu acabei me fechando e evitando ao máximo falar sobre qualquer coisa que eu gostasse perto dele.

Com a cabeça que tenho hoje eu teria terminado o namoro por muito menos, mas

Com a cabeça que tenho hoje eu teria terminado o namoro por muito menos, mas o Antônio de seis anos atrás ainda era muito medroso. Eu tinha medo de jogar fora “a troco de nada” um relacionamento estável, com um cara bem resolvido que tinha uma família perfeita. “Só”

por causa de uma boyband e duas ou três comédias românticas que eu gostava. Eu demorei muito a entender que tudo o que eu gosto, de certa forma, faz parte de quem eu sou. E aos poucos fui deixando de ser eu mesmo quando estava com Lucas.

Também tinha o fato de que eu sou gordo. Isso sempre era uma questão para mim toda vez que pensava no meu relacionamento com Lucas e em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como eu era sortudo de ter um cara como ele na minha vida. Eu perdi as contas de quantas vezes deitei na minha cama com a convicção de que iria terminar no dia seguinte e ficava repassando todos os argumentos na minha cabeça até chegar na parte em que nenhum outro cara iria me querer, então eu precisava aceitar o amor que Lucas dizia sentir por mim. Quando finalmente conseguia dormir, eu já havia mudado de ideia e decidido dar mais uma chance para o nosso namoro.

Seis anos atrás não se falava sobre relacionamento abusivo como se fala hoje. E eu acho que, mesmo se esse fosse um assunto amplamente discutido na época, eu jamais pensaria que Lucas era abusivo comigo. A palavra "abuso" é muito forte e, bem, ele nunca me agrediu. Nunca fez nada sem o meu consentimento. Nunca me traiu (eu acho). Me parecia um relacionamento 100%

normal.

Mas esse namoro me afastou de muita coisa que me fazia bem. Tudo o que era relacionado a Triple J ou a qualquer outra coisa "de adolescente"

que eu gostava começou a ser um crime na minha vida. Eu lia as fanfics em abas anônimas do navegador e até deletei as músicas do meu celular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucas nunca invadiu minha privacidade, mas eu era constantemente assombrado pela possibilidade de que, um dia, ele poderia fazer isso. E eu não queria que ele descobrisse nada daquilo. Talvez isso não fizesse diferença nenhuma para Lucas, mas eu escondia porque não queria me sentir inferior novamente, como na tarde do museu.

E foi assim que eu deixei de comprar o ingresso para o show. Foi assim que eu não vi a minha banda favorita tocar no Brasil. Eu assisti um milhão de vezes às gravações feitas por outros fãs, mas não dei para Lucas a oportunidade de me ridicularizar. De algum jeito completamente distorcido, isso fazia com que eu me sentisse forte e com tudo sob controle.

Nosso namoro acabou tão rápido como ele começou. Lucas decidiu morar fora do país e terminou comigo numa noite de terça em um ponto de ônibus. Ele me deu chances de argumentar, mas disse que queria terminar e, como tudo que ele me propunha, eu aceitei. Me senti rejeitado, mas não chorei.

Duas semanas depois, o TJ anunciou o fim da banda. Aí sim, eu chorei muito. Chorei porque a minha banda favorita no mundo tinha acabado e eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdi a única oportunidade que de vê-los ao vivo por causa de um namoro que só me traz lembranças ruins.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seis

Eu conto a história para Gustavo escondendo os detalhes mais íntimos, porque duas latas de cerveja estão longe de serem o suficiente para que eu me abra tanto para um garoto que acabei de conhecer.

Ele me interrompe algumas vezes para fazer comentários excelentes como "Em algum ponto da vida, literalmente todo gay vai ter a vida destruída por um Lucas", ou "Ele estudava cinema? Isso já era um sinal de que não ia dar certo" ou um simples e direto "Filho da puta!".

Em nenhum momento Gustavo parece ter *pena* de mim. Ele parece se solidarizar, claro, mas na maior parte do tempo ele sorri como se estivesse orgulhoso da pessoa que eu me tornei. Não sei se é exatamente isso que ele pensa, mas, contando essa história pela primeira vez depois de tanto tempo, percebo que esse é o jeito como *eu* me sinto. Sinto orgulho de ter sobrevivido ao Lucas.

— Agora é a sua vez de falar, pelo amor de Deus. Eu não aguento mais o som da minha própria PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz — eu digo.

— Bem, a minha história também é meio dramática, não sei se você está preparado.

Eu apoio a cabeça sobre os joelhos dobrados, tentando arrumar uma posição confortável, e olho fixamente para Gustavo, mostrando que estou totalmente preparado para o drama.

Assim como eu, ele também bebe um longo gole de cerveja antes de começar.

— Eu ainda morava com meus pais no Maranhão quando o Triple J anunciou o último show. A minha vida estava uma bagunça, eu não tinha ideia de como seria o meu futuro e a minha relação com a minha família nunca foi das melhores. Mas, assim que anunciaram os shows, eu botei na cabeça que viria

para São Paulo de qualquer jeito. Comecei a fazer de tudo pra juntar dinheiro. Literalmente tudo. Desde trabalhos como designer para algumas lojas da minha cidade, até animação em festa infantil.

Eu dou uma risada.

— Não queira nem imaginar como eu passava calor naquela fantasia de Homem-Aranha.

Me pego pensando em Gustavo vestindo apenas um collant grudadinho no seu corpo inteiro PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e me beijando pendurado de cabeça pra baixo em uma teia e, de repente, isso é tudo o que eu quero imaginar.

— Na época estava fora de cogitação falar para os meus pais que eu sou gay. Minha família toda sempre foi muito religiosa e eu tinha certeza de que ia morrer sem sair do armário. — Ele olha para o chão e ri de si mesmo — Até parece, né?

Eu abro um sorriso porque depois de tanto tempo consciente da minha sexualidade, isso deixou de ser a coisa mais importante sobre mim.

Se essa conversa estivesse acontecendo com o Antônio de dezoito anos, ouvir alguém falando que é gay em voz alta me causaria calafrios de empolgação por encontrar um cara como eu. Hoje é tudo tão natural que em nenhum momento eu imaginei que Gustavo poderia ser hétero. Para ser sincero, eu sempre parto do pressuposto de que *ninguém é hétero* porque gosto de esperar o melhor das pessoas.

— Mas é claro que meu segredo não ficou a salvo por muito tempo.

— Eu estava esperando por isso — eu digo. —

Não de um jeito cruel, claro! É só que você disse que ia ter drama, então eu meio que deduzi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois você está certíssimo — Gustavo diz, fazendo um cafuné rápido na minha cabeça sem nenhum aviso prévio, o que, obviamente, faz com que eu derreta um pouquinho por dentro.

— Na época, mesmo trabalhando muito, —

ele continua — eu sempre arrumava tempo para me dedicar a uma coisa. Tá, é meio ridículo, você vai rir de mim.

— Gustavo, eu estou passando a minha madrugada sentado no chão para conseguir um ingresso para ver três caras de 30 anos cantando música teen. E provavelmente vou parcelar esse ingresso em três vezes. Eu não estou em posição de ridicularizar ninguém.

Ele ri enquanto eu me repreendo mentalmente por ter falado sobre a coisa de parcelar o ingresso, mas eu simplesmente não consigo parar de *me expor*.

— Tá bem. Eu escrevia uma fanfic de Triple J.

Era horrível, mal escrita e cheia de cenas de sexo que não faziam sentido nenhum porque eu não tinha a menor ideia de como sexo funcionava. Mas foram exatamente essas cenas que a minha mãe leu quando decidiu mexer no meu computador para

"pegar uma receita na internet" — ele diz, fazendo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aspas com os dedos. — Eu tenho certeza que ela estava procurando coisas de propósito. Meus arquivos da fanfic não ficavam super escondidos em pastas secretas, mas também não estavam salvos no desktop com o nome "CENAS

EXPLÍCITAS DE SEXO GAY ESCRITO PELO

SEU FILHO.doc".

Inevitavelmente eu dou uma risada, mesmo sabendo que o final da história não é nada bom.

— Resumindo, ela acabou me colocando contra a parede, convocou uma reunião familiar, fez eu me assumir para todo mundo, me tratou como um estranho por

muito tempo e eu acabei perdendo o show. No meio da bagunça que a minha vida virou, assistir o Triple J acabou perdendo o sentido. Eu demorei mais dois anos para conseguir arrumar um emprego e me mudar aqui pra São Paulo, e esses foram os piores dois anos da minha vida. E é por isso que eu estou aqui. Eu não queria perder outro show.

— E como você e sua família estão hoje? —

pergunto.

— Ainda é complicado. Eles fingem que nada aconteceu, eu finjo que não guardo rancor e a vida vai seguindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diferente de mim, eu sinto que Gustavo está completamente desconfortável falando sobre isso.

Não é como se ele não quisesse falar, mas parece que ainda não está curado. Eu, sinceramente, nem sei se esse tipo de sentimento ruim vai passar algum dia mas, por ele, espero que passe.

Nós dois já terminamos a cerveja e dá pra sentir o gosto amargo do meu ex namorado lixo e das relações familiares complicadas de Gustavo no fundo da garganta. O lado positivo é que tudo isso nos trouxe até aqui nessa noite, mas no mundo ideal eu teria conhecido Gustavo sem que nada de ruim precisasse ter acontecido com nenhum de nós dois.

Tento fazer com que o clima ruim fique para trás e decido puxar assunto sobre o que talvez seja o meu tópico favorito de todos os tempos.

— Mas e essa fanfic que você escrevia, hein?

Conte-me mais — eu peço, cutucando o joelho de Gustavo, que continua olhando para o chão.

— Você não vai querer saber, sério. Era muito ruim.

— Era uma fic Jayff onde Jay é o menino novo na cidade e o Jeff é o badboy que

Era uma fic Jayff onde Jay é o menino novo na cidade e o Jeff é o badboy que tem uma moto e um comportamento horrível e predatório?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— eu provoco, citando o enredo de quinhentas fanfics que eu já li para passar raiva e torcendo para que Gustavo não seja o tipo de pessoa que escreve isso.

— Jamais! Jayff é uma aberração! Eu sempre shippei Jaycob — ele responde rindo e meus olhos brilham de empolgação.

— MENTIRA! — eu meio que grito (bem, eu *de fato* grito). — Jaycob é o único ship possível!

Qual era a sua fic? Eu provavelmente já devo ter lido, porque eu acho que li todas que existem em português. E inglês. E eu tentei ler algumas em francês, mas não consegui porque eu nem sei francês.

Gustavo finalmente para de encarar o chão e olha para mim com um sorriso no rosto.

— Eu não acredito que encontrei um dos cincos fãs de Jaycob e ele está sentado do meu lado! — ele diz com empolgação.

— Não muda de assunto! Estamos falando da sua fanfic. Qual é? — insisto.

— A pior de todas — ele responde.

— Qualquer uma onde o Jay chama o Jacob de

"daddy" o tempo todo, mesmo os dois tendo literalmente a mesma idade na história e na vida PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

real?

— NÃO! — Gustavo grita, e eu me sinto melhor

por

.

não

ser

o

único

gritando

ocasionalmente. — É um pouco melhor.

— Aquela em que o Jay é um vampiro e o Jacob é um lobisomem e os dois deveriam brigar pela mocinha, mas acabam se apaixonando? — eu chuto, me lembrando da melhor fic de Jaycob que já li na vida.

Gustavo fica em silêncio e volta a encarar o chão. Mesmo de longe, eu sinto que seu rosto ficou quente e essa reação entrega tudo.

— Você é o autor de Marshmallow Alpha!!!!!!

— eu estou quase levantando e dando pulinhos de empolgação.

— Esse título é horrível, mas eu nunca pensei em nenhum melhor.

— Você tá maluco? Essa é a melhor fic de Jaycob que eu já li! Você escreve muito bem! E eu te odeio por nunca ter terminado!!!

Marshmallow Alpha foi uma das fics mais longas e coerentes dentro do fandom de Jaycob no Brasil. As atualizações eram semanais e a história passou dos cem capítulos. Foi uma fanfic que começou despretensiosa, como uma releitura bem-
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

humorada de Crepúsculo, mas ao longo dos capítulos os personagens foram ganhando força e o rumo da história virou outro. Claro que existem outras milhões de histórias sobre um casal que começa se odiando e o ódio vira amor quando eles precisam conviver um com o outro forçadamente.

Mas, antes de Marshmallow Alpha, eu nunca tinha lido nenhuma onde os protagonistas eram um casal de meninos. E eles eram um vampiro e um lobisomem.

E

apresentando

uma

realidade

alternativa para os dois caras mais lindos da minha boyband favorita.

Acho que a magia das fanfics está exatamente aí. Em imaginar seus ídolos em situações que seriam completamente clichês se acontecessem com qualquer pessoa, mas que se tornam especiais porque acontecem com pessoas que você já conhece e ama.

Eu lembro de descobrir a fic bem no comecinho, lá pelo capítulo sete ou oito. Lembro de como eu abandonava facilmente as minhas leituras da faculdade toda vez que alguma atualização nova chegava. É muito doido pensar que, por trás de um avatar anônimo, existia uma pessoa que fazia parte da minha rotina com a sua história. E mais doido PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda pensar que essa pessoa era o Gustavo e que hoje nós estamos aqui. Eu não sei se existe um deus dos Fãs Velhos Demais Para Certas Coisas mas, se existe, eu tenho certeza que isso tudo foi armado por ele.

Depois do meu surto, Gustavo engole seco e volta a me olhar.

— Bem, depois daquele drama todo em casa eu não consegui mais escrever. Eu meio que perdi a vontade, sei lá — ele diz, e eu me sinto culpado por ter dito que o odiava.

— Eu não te odeio por não ter terminado —

esclareço. — Mas não vou mentir e vou te dizer que eu fiquei profundamente triste quando fui procurar a fic na esperança de alguma atualização e descobri

que o perfil tinha sido deletado.

— Eu confesso que estou um pouco assustado? Mas fico honrado de saber que você era um dos meus leitores. E obrigado pelos elogios. Eu não sei reagir bem a elogios, mas me sinto grato.

— Eu me sinto grato por ter te conhecido —

eu digo, me sentindo ridículo pela milionésima vez no dia de hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sete

São quase três da manhã e meu corpo está cansado.

Já tentei me sentar em todas as posições possíveis e nenhuma delas é minimamente confortável. Sinto uma inveja enorme dos fãs preparados que trouxeram banquinhos, colchonetes e cobertores.

Gustavo parece bem mais disposto do que eu, mas sua expressão está concentrada, como se estivesse se esforçando para não deixar o cansaço vencer. Me sinto numa prova de resistência do Big Brother, mas sem a opção de desistir.

— Essa é a primeira e última vez que eu faço uma coisa dessas — comento, esticando a coluna e sentindo meus ossos fazendo *clac-clac*.

— Sim! Eu não tenho mais idade pra essas aventuras — Gustavo diz baixinho, respeitando o sono de uma menina na nossa frente que está enrolada em um cobertor e roncando alto.

— Eu tenho essa ideia maluca de que isso aqui é meio que um ritual de passagem, sei lá — começo a falar sem pensar, porque estou morrendo de sono PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e nada na minha cabeça faz sentido. — Depois de tudo o que a gente conversou, acho que esse show vai servir pra finalmente me despedir da minha adolescência. Ser adulto de verdade.

— Isso não existe — Gustavo diz. — Todo mundo só finge que é adulto.

Eu fico em silêncio porque não sei como responder.

— Bem, pelo menos pra mim, ainda é bem complicado — ele começa a se explicar. — Eu achava que me sentiria adulto de verdade quando saísse da casa dos meus pais. Daí eu saí e continuei me sentindo perdido. Vim para São Paulo dividir apartamento com dois desconhecidos e quando eu finalmente

consegui

consegui

me

estabelecer

financeiramente para morar sozinho, eu pensei

"agora vai!" e não foi. Todo dia aparece alguma coisa que faz com que eu me sinta uma criança, sei lá. Um chuveiro que queima, um exame que você nunca marca, declarar o imposto de renda, descobrir que você declarou errado e ter que fazer tudo de novo. Ninguém nunca me preparou para isso.

Gustavo diz tudo isso com um sorriso cansado no rosto, mas eu me sinto desesperado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, isso é muito desanimador porque eu nem cheguei na etapa de sair da casa da minha mãe ainda.

— É exatamente isso que eu tô dizendo! Você não pode botar as expectativas em cima dessas conquistas. Eu acho que não existe uma chave que a gente vira e *click*, de repente vira adulto. Tem dias que a gente se sente mais adulto do que outros, e aí a gente só se acostuma com as coisas.

Eu confirmo com a cabeça porque, no fim das contas, Gustavo tem razão. Eu tenho certeza de que depois que o show passar eu vou continuar ouvindo Triple J, vou continuar lendo os livros de adolescente que eu sempre leio e assistindo tudo o que aparece na categoria "séries teen sobre amizade" na Netflix. Porque eu gosto disso. Porque me faz bem e me conecta com alguma parte de mim que eu não me sinto pronto para deixar morrer. Tenho vontade de dizer tudo isso em voz alta, mas parece dramático demais, então eu só abraço as minhas pernas e me encolho todo.

O silêncio da madrugada traz o sono e eu penso na minha cama. Penso em como amanhã eu pretendo dormir por doze horas seguidas, acordar para comer e depois dormir por mais doze horas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma garoa fina começa a cair e, involuntariamente, meu queixo começa a tremer.

— Você tá com frio? — Gustavo pergunta e só agora eu me dou conta de que estou, de fato, congelando.

— Não — minto.

— Toma meu casaco — ele oferece, abrindo o zíper do moletom e começando a tirá-lo.

— Não precisa, sério! Não faz sentido você passar frio! — protesto, mas já é tarde demais. Ele já está jogando o casaco amarelo em cima de mim.

— Se esquenta um pouco. Eu nem sinto frio, na verdade — ele diz, o que parece ser uma mentira absurda, mas eu aceito o casaco mesmo assim porque não quero transformar isso aqui em uma batalha de gentilezas.

— Obrigado — eu digo, vestindo o casaco.

A peça se encaixa perfeitamente no meu corpo porque nós dois somos mais ou menos do mesmo tamanho. Gustavo é um pouco mais alto e isso faz com que as mangas do seu moletom fiquem compridas nos meus braços, o que me dá uma sensação boa que eu não sei explicar. Sem falar do cheiro! Eu estou literalmente vestindo o cheiro de Gustavo e esse é o ponto alto da minha noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe na época da escola que a gente sabia que alguém tava namorando quando a menina usava o casaco do menino no recreio? — eu digo, do nada, puxando a lembrança mais antiga que o moletom de Gustavo me trouxe.

— Na minha escola não tinha isso — ele diz, sem graça.

— Na minha tinha. As meninas andavam de um lado pro outro com aqueles

casacos imensos, era uma coisa meio territorial se você parar pra pensar. Daí toda vez que eu via esse fenômeno acontecendo, era meio que inevitável pensar em como eu queria usar o casaco de outro menino. Eu nunca usei, claro. Nem depois de grande porque, bem, eu só namorei o Lucas, e ele era muito mais magro do que eu e nada dele me servia. Acho que mesmo se servisse eu não poderia usar, porque uma vez eu usei um par de meias coloridas dele e isso gerou uma discussão de quase duas horas. Por causa de um par de meias!

As palavras saem de mim descontroladamente, e eu não paro nem por um segundo para refletir antes de botar tudo pra fora.

— Eu não tenho a menor ideia de onde você quer chegar — Gustavo diz, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu bocejo e começo a falar enquanto ainda estou bocejando.

— Eu não tô dizendo que você é meu namorado, meu Deus, eu não sou maluco. Eu nem te conheço. É só a experiência, sabe? A experiência de vestir um casaco que é de outra pessoa, que no caso é um outro cara. E, no caso, o casaco me serve, sabe? A experiência.

Eu não consigo parar de falar. Gustavo não consegue parar de rir.

— Você está bêbado de sono. Vem cá, dorme um pouco — ele diz, me puxando pelo ombro e abrindo o braço para me acolher.

Penso em resistir ao convite por educação, mas não sou forte o bastante pra isso. Em menos de um segundo já estou deitado no peito de Gustavo, finalmente confortável. O sono acumulado, o calor do abraço e o cheiro dele me fazem dormir rapidamente.

Mas,

antes

de

adormecer

completamente, eu tenho quase certeza que sinto Gustavo me fazer um cafuné.

Eu acordo com o barulho de gritos agudos e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demoro um tempo pra lembrar que estou na fila do Triple J e não na exterminação da raça humana.

— Ufa — ouço uma respiração aliviada. — Eu estava realmente achando que você não ia acordar nunca! A bilheteria abre em dez minutos.

Olho de leve pra cima e encontro o sorriso de Gustavo. Eu me acostumaria fácil com essa vista todos os dias. Lembranças da madrugada começam a surgir na minha cabeça como uma apresentação de Power Point com transições animadas horríveis entre um slide e outro. Nossas conversas sobre fanfics, eu contando sobre meu passado com Lucas, o casaco de Gustavo que continua no meu corpo e a quase certeza de que eu falei alguma coisa muito estúpida antes de cair no sono.

Não tenho muito tempo para pensar. A fila começa a andar e nós dois nos levantamos para seguir o ritmo lento da legião de fãs que só querem pegar um ingresso e ir embora.

— Desculpa por ter dormido tanto. Eu realmente… — começo a dizer, mas nem sei como pretendo terminar essa frase.

— Não precisa se desculpas. Eu tenho é inveja, na verdade. Acho que eu nunca conseguiria cair em um sono tão profundo assim no meio da rua PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gustavo diz.

— Bem, eu acho que eu não conseguiria em outras circunstâncias. Mas deitar em você foi bem confortável — respondo timidamente, passando as mãos pelo peito

de Gustavo.

É um gesto inocente, mas na minha cabeça é como se eu estivesse vestindo um uniforme de líder de torcida enquanto giro pelo ar gritando M-O-L-E.

EU ESTOU TE DANDO MOLE!!!!

Gustavo sorri e desliza a mão pelo meu pescoço. Parece que ele entendeu a mensagem.

— Arquibancada? — eu pergunto, mudando completamente o foco porque estou em pânico e não sei lidar com *isso* que está acontecendo.

— Como?

— Seu ingresso. Você vai comprar arquibancada também?

— Ah, claro. Sim, sim. Vou de arquibancada.

Não tenho pique pra ficar na pista. Nem dinheiro

— ele responde.

— Eu também. Nem pique, nem dinheiro —

eu repito exatamente o que ele acabou de dizer como se eu fosse burro ou qualquer coisa do tipo.

Em minha defesa eu literalmente acabei de acordar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É bom que a gente pode se encontrar pra ver o show juntos, né? — Gustavo diz, afirmando e me convidando ao mesmo tempo.

E cá estamos nós de novo, de volta à Flertelândia!

Para a minha sorte, estamos em um ambiente lotado de distrações fáceis. Os fãs começam uma contagem regressiva às 8h59, depois começam a gritar quando a

bilheteria não abre às nove horas em ponto. Algumas meninas estão chorando, uma garota perto da gente está gritando com a mãe no telefone porque esqueceu o cartão de crédito em casa e eu tenho quase certeza que alguém lá na frente

desmaiou

porque

uma

equipe

de

paramédicos chega correndo e pedindo passagem.

Eu e Gustavo damos risada da situação (não da menina que desmaiou, claro, porque isso seria meio desumano, mas do caos generalizado que a vinda de uma boyband pro Brasil é capaz de causar), e eu não sinto o tempo passar quando estamos conversando. Ok, eu sinto *um pouco*. Mas estando aqui, ao lado dele, é mais fácil ignorar a minha vontade de ir ao banheiro e a minha necessidade de escovar os dentes.

Já é quase meio dia quando chega a nossa vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nos últimos meses eu criei um milhão de cenários trágicos para este momento. Meu cartão não passava, os ingressos esgotavam, o sistema parava de funcionar, a bilheteria pegava fogo. Mas nada disso acontece. Eu sou atendido por uma funcionária surpreendentemente animada, compro meu ingresso e retiro o pedaço de papel que me fez virar a noite fora de casa.

“TRIPLE

J

-

—-—

THE

ULTIMATE

MARSHMALLOW TOUR: AO VIVO NO

BRASIL.”

Eu leio o ingresso umas três vezes para ter certeza de que é *real*. Quando finalmente levanto o rosto, encontro Gustavo me esperando na saída da fila, balançando seu ingresso no ar (o que eu considero extremamente irresponsável) e fazendo uma dancinha da vitória (o que eu considero extremamente adorável).

— Conseguimos! — eu grito, correndo em direção a ele.

— Se o meu corpo tivesse energia o bastante eu acho que podia até chorar! — Gustavo diz, finalmente dobrando seu ingresso e o guardando na carteira.

O barulho da fila e os gritos dos fãs não PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importam mais porque conquistamos o nosso objetivo. Se eu estivesse sozinho, já estaria correndo para casa para descansar da exaustão emocional que foi essa madrugada. Mas, com Gustavo aqui na minha frente, eu não sei bem o que quero fazer agora.

— Bem, eu preciso ir pra casa urgente pra hibernar pelos próximos dois dias — ele finalmente quebra o silêncio.

Em partes eu fico magoado porque não queria que a gente se despedisse logo agora, mas seria egoísmo demais da minha parte levando em conta que, ao contrário de mim, Gustavo não dormiu.

— Você vai pro metrô? — eu pergunto, apontando para onde eu acho que o metrô fica, porque meu senso espacial só começa a funcionar de verdade depois das duas da tarde.

— Não. Eu pego um ônibus ali na Pompéia.

— Ah.

Mais silêncio.

— A gente está fazendo isso demorar muito mais do que o necessário né? — ele diz, sorrindo.

— Desculpa, de verdade. Eu vou te liberar.

Não que eu esteja te *prendendo* nem nada, mas pode ir. E obrigado por ter me deixado, você sabe, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormir em você — eu digo, me preparando para dar as costas e seguir meu caminho.

— Calma, Antônio. Não vai ainda. Eu preciso te oferecer uma bala. E meu número — ele diz, tirando um drops de Halls de cereja do bolso, que parece ter sido comprado no mês passado e está com o papel todo melequento. Eu aceito mesmo assim.

Gustavo leva alguns minutos para desgrudar todo o papel da bala dele, e enquanto isso eu pego meu celular para anotar seu número. Salvo o contato como "Gus" e coloco um emoji de peixe do lado para me lembrar que Gustavo não é perfeito, já que ele gosta de *McFish*.

Quando finalmente tiro os olhos do celular, percebo que Gustavo continua me observando.

Eu observo de volta e toda essa situação já está insuportável.

— Eu vou te beijar, tudo bem? — eu tomo coragem e digo.

— Eu guardei essas duas balas a noite inteira na esperança de que isso fosse acontecer, porque não queria que nosso primeiro beijo tivesse gosto de boca que acabou de acordar — ele confessa.

— Pelo amor de Deus, Gustavo! Você pensa PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em tud-

Eu não consigo terminar a frase porque Gustavo me puxa pra mais perto e me beija. Não é um beijo suave e fofo. É um beijo intenso, como se ele estivesse esperando a noite inteira por esse momento. Bem, eu estava.

A bala de cereja pula de um lado pro outro dentro da minha boca e apesar de saber que estou correndo grandes riscos de engasgar, eu não paro o beijo para cuspir a bala. Eu não quero parar esse beijo por nada. Mas eventualmente nós paramos porque a) precisamos respirar e b) percebemos um grupo de quatro fãs de Triple J nos observando empolgadas e eu tenho quase certeza que uma delas está tirando fotos.

— Acho melhor a gente parar por aqui —

Gustavo diz, um pouco sem graça, virando de costas para as meninas. — Você tem meu número.

Me manda mensagem. Não existe nenhuma chance de eu esperar três meses pra te ver de novo.

Trocamos mais um beijo (um rápido desta vez) e Gustavo vai embora. Eu observo o cara que acabou de me beijar se afastando e ele olha pra trás algumas vezes até a situação se tornar um pouco bizarra e desconfortável, daí ele para de olhar e PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segue para o ponto de ônibus.

— Uma gracinha, não é? — eu digo para as quatro meninas que surpreendentemente ainda estão paradas no mesmo lugar, e elas se dispersam como se não tivessem mais nada para ver ali.

No caminho para o metrô, eu entro em um longo debate comigo mesmo para decidir se já devo ou não mandar uma mensagem. Mas decido que isso vai fazer parte do novo Antônio. O Antônio adulto que está mais perto dos trinta do que dos vinte não faz joguinhos sentimentais. O Antônio maduro pega o celular e digita "Seu casaco ainda está comigo e o preço do resgate é um milhão de beijos como esse que você acabou de me dar".

Sem medo de ser ridículo, aperto o botão de enviar.

Sem medo de ser ridículo, aperto o botão de enviar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oito

Gustavo não me respondeu. Não imediatamente, nem no mesmo dia, nem nos três meses que se passaram entre o nosso beijo e a semana do show.

Depois do meu término com Lucas, eu vivi uma série de primeiros encontros que nunca passaram disso. Uns beijos, sexo casual e sumiço. Não estou tentando bancar a vítima porque, em alguns casos, era eu quem sumia. Mas, ainda assim, depois te tantas tentativas frustradas de me relacionar com alguém,

teoricamente

eu

já

deveria

estar

acostumado, certo?

Teoricamente.

Mas com Gustavo foi diferente. Eu senti que a gente realmente se conectou. Eu nunca me abri daquele jeito com nenhum outro cara. Aquele beijo não foi apenas um beijo. Foi quase que uma promessa. Mas se eu na verdade estivesse me iludindo e criando expectativas em cima de qualquer coisa, esta não teria sido a primeira vez.

Me iludir e criar expectativas eram basicamente as PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas especialidades na vida.

E ainda tinha o casaco dele. Aquela jaqueta de moletom amarela que me assombrava dia e noite pendurada no meu guarda-roupa. E o pior é que eu nem pude passar noites em claro me afundando em angústia enquanto cheirava o

pude passar noites em claro me afundando em angústia enquanto cheirava o casaco de Gustavo porque, eventualmente, minha mãe pegou a peça de roupa no meu quarto e botou pra lavar. O cheiro dele havia ido embora.

Thiago e Marcos ouviram minha história sobre a noite da fila um milhão de vezes, com toda a paciência do mundo. Enquanto Thiago me encorajava a seguir em frente e esquecer o cara que não teve a mínima decência de responder à minha mensagem, Marcos preferia acreditar que aquilo tudo era o destino dizendo que eu precisava me esforçar mais um pouco para reencontrar o amor da minha vida.

É meio idiota pensar em Gustavo como o amor da minha vida e, por mais que o meu lado racional soubesse que não preciso de ninguém pra me sentir completo, eu meio que queria alguém. Eu queria que fosse ele. Todo o meu discurso de empoderamento do jovem gay solteiro caía por terra quando eu pensava em Gustavo e, numa noite PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

solitária, eu criei uma playlist chamada “ Doze músicas para lembrar de você ” e escutei minhas doze faixas favoritas do TJ em um looping infinito até cair no sono. No dia seguinte, decidi seguir em frente e evitei procurar qualquer coisa sobre a banda porque aquilo, de certa forma, me fazia meio mal.

Bem, eu me esforcei bastante. Meu histórico de navegação na internet ficava cada dia mais humilhante e desesperado. Procurei pelo nome de Gustavo em todos os fóruns e grupos de Triple J

que eu conhecia. Busquei pela sua fanfic inacabada em todas as plataformas mas, assim como antes, seus textos continuavam desaparecidos de toda a internet. Descobri que existem mais Gustavos no fandom de TJ do que eu imaginava. Atingi o fundo do poço quando descobri um fã argentino que também se chamava Gustavo e vendia almofadas em tamanho real dos três membros da banda.

Considerei comprar uma, mas o frete ficava caro demais.

Quando o dia do show finalmente chega, eu estou empolgado e frustrado ao mesmo tempo, o que é basicamente como tenho me sentido todos os dias desde a noite da fila. Eu cogitei vender o meu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ingresso e deixar essa ideia de show pra lá, mas meus amigos me lembraram constantemente que eu já deixei de ver o Triple J ao vivo uma vez por causa de homem. Não podia deixar isso acontecer de novo.

Logo depois do almoço eu me arrumo com uma roupa confortável para aguentar o dia. Uma bermuda jeans, o meu “tênis de academia” que eu só usei por dois meses até, bem, desistir da academia, e uma camiseta escrito “TEAM

JAYCOB” que mandei fazer na época do primeiro show e nunca tive a oportunidade de usar. Encaro o moletom amarelo de Gustavo pendurado em um cabide no meu quarto e, num ato de esperança e desespero, pego o casaco e amarro na cintura.

— Estou saindo, volto meio tarde — eu aviso a minha mãe, pegando a chave de casa e caminhando para a porta.

— Onde você vai? Está levando casaco? —

ela pergunta, não com um tom autoritário, mas como quem só quer mesmo saber aonde eu vou.

Minha mãe nunca foi do tipo controladora, e eu acho que ela estaria de boa mesmo se eu dissesse que estou indo instaurar a Revolução (desde que eu estivesse levando um casaco).

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje é o dia do show do Triple J. No estádio do Palmeiras.

— Eu te levo — ela diz empolgada, correndo na minha direção e pegando a chave do carro.

— Mãe, não precisa! Eu vou de metrô, não é tão longe! — eu protesto porque, depois do meu gosto adolescente para coisas no geral e minha total falta de habilidade para cozinhar qualquer coisa com mais de dois ingredientes, minha mãe me levar para lugares onde eu poderia chegar sozinho é a coisa que me faz sentir mais longe de ser um adulto

sentir mais longe de ser um adulto.

— Se você soubesse dirigir, poderia levar o carro sem problemas — minha mãe comenta, e eu adiciono mentalmente mais um item na minha lista de coisas que fazem com que eu me sinta menos adulto.

— Mãe, eu já te expliquei! Existe esse triângulo dos gays adultos. Saber dirigir, ter uma vida financeira estável e ter um casamento feliz são três coisas que nenhum gay normal consegue ter ao mesmo tempo — eu explico minha teoria.

— Você não tem nenhuma das três coisas, Antônio — minha mãe diz porque, ao que tudo indica, ela tirou o dia de hoje para acabar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dá pra aprender a dirigir.

— Eu estou guardando espaço pro dinheiro e pro namorado. Beijo, tchau! — digo, fazendo minha saída triunfal.

A fila do ingresso não era nada comparada com a fila do show de verdade. Quando finalmente chego ao estádio, a multidão me deixa confuso e eu demoro um tempo para entender qual entrada dá acesso à arquibancada. Os fãs gritam mais do que nunca e os vendedores ambulantes gritam de volta na tentativa de fazer alguém pagar vinte reais por uma faixa de testa escrito I LOVE TRIPLE J com glitter (eu quase paguei). Apesar da lotação, a missão de chegar até o meu setor não é muito difícil depois que entro na fila correta. Eu sigo o fluxo de pessoas e subo pelas rampas até o meu lugar. As cadeiras não são numeradas e, como eu cheguei junto com a abertura dos portões, consigo perder um tempinho comprando um cachorro-quente horrível para comer mais tarde e escolhendo um lugar decente para assistir ao show. É meio deprimente viver um momento como esse sozinho, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas ao mesmo tempo é libertador poder tomar minhas decisões de alimentação e assento sem depender da opinião de ninguém. Eu me agarro a essa sensação de

liberdade, coloco um sorriso no rosto e tento esquecer todo o resto. Olho para o palco ainda vazio e imagino que, em algumas horas, vou ver o Triple J ao vivo e isso deveria ser mais do que o bastante pra me deixar feliz.

Encontro um lugar razoavelmente bom na arquibancada, que começa a lotar, e conto os minutos para o início do show. Os telões posicionados ao lado do palco exibem as marcas dos patrocinadores do show e, de vez em quando, mostram algumas fotos da banda. Mesmo depois de ver as mesmas imagens do Triple J quinhentas vezes, o público grita sempre que as fotos aparecem. Eu grito também porque estou me esforçando para viver ao máximo esta experiência.

O céu começa a escurecer quando um flash de celular pisca bem na minha cara. Claro que todo mundo está tirando mil fotos com seus amigos na plateia, mas esse flash é diferente porque ele está diretamente apontado para mim. Olho confuso para a dona do celular, sentada na cadeira da frente, e ela parece envergonhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa, o flash foi sem querer. — ela diz meio que gritando para que eu seja capaz de escutar sua voz no meio do barulho. — Mas eu não podia perder a oportunidade, né?

— Eu não tenho a menor ideia do que você está falando — respondo, impaciente.

A garota parece estar ofendida, mas continua virada pra trás enquanto digita furiosamente em seu celular. Ela deve ter uns dezesseis anos, tem o cabelo pintado de um rosa pastel e na sua testa está amarrada uma das faixas de glitter que eu me arrependi de não ter comprado.

— Você é o Barbudinho, não é? Do Casal da Fila? — ela pergunta, e nenhuma das palavras que saem da sua boca faz sentido pra mim.

Eu me aproximo do seu ouvido para tentar me fazer entender mais uma vez.

— Eu não tenho. A menor ideia. Do que você está falando.

— O Casal da Fila, do Twitter. É você, não é?

O Casal da Fila, do Twitter. E você, não é?

Eu tenho certeza que é! — a garota me responde, procurando por alguma coisa no seu celular e finalmente virando a tela para mim.

Meu coração acelera porque a primeira coisa que eu vejo é uma foto onde eu e Gustavo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparecemos juntos, na noite em que nos conhecemos. Sem pedir, tomo o celular da mão da garota de cabelo rosa e começo a ler o que me parece ser uma sequência infinita de posts feitos na noite da fila, criados por um perfil chamado

@MundinhoTripleJ e, quanto mais eu leio, mais chocado eu fico.

@MundinhoTripleJ

Gente, eu tô na fila do TJ e tem dois meninos na minha frente que são a coisa mais fofa do mundo!!!!!!

É o primeiro tuíte, seguido de uma foto onde eu e Gustavo aparecemos conversando. Eu estou sorrindo feito um bobo e Gustavo me olha sério, com suas sobrancelhas grossas cerradas para mim.

Só então me dou conta de como senti falta das suas sobrancelhas. A lembrança me faz sorrir por um segundo, mas minha atenção volta para a sequência de tuítes.

@MundinhoTripleJ

Eu achava que eles eram um casal gay esperando na fila para comprar ingressos para os seus filhos adotivos mas na verdade os dois PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também são fãs!!!! Muito emocionada de ver ADULTOS que apreciam boa música.

Ok, essa me ofendeu um pouco. Mas sigo entretido.

@MundinhoTripleJ

@MundinhoTripleJ

O Moletom acabou de levantar para comprar comida para o Barbudinho. Quase pedi pra trazer pra mim também!

@MundinhoTripleJ

Barbudinho disse que McFish é nojento!!!!

Kkkk Vocês concordam? #CasalDaFila Sim – 72%

Não – 28%

Abro um sorriso por estar do lado certo dessa batalha.

@MundinhoTripleJ

MOLETOM

GOSTA

DE

MCFISH

E

BARBUDINHO NÃO SABE ONDE ENFIAR

A CARA!!!!!!!! Rindo muito #CasalDaFila

@MundinhoTripleJ

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gente, parem de me cobrar atualizações!

Estou dando meu melhor para ouvir a conversa dos dois sem parecer uma doida!

@MundinhoTripleJ

Apareceu uma jornalista aqui do nada e eu acho que o #CasalDaFila aparece na reportagem!!! Só o Barbudinho. Moletom está ajoelhado no chão morrendo de vergonha!

@MundinhoTripleJ

Barbudinho está dando tanto mole pro Moletom que sinceramente se os dois não se beijarem logo eu vou precisar INTERVIR.

@MundinhoTripleJ

Ih, os dois compraram cerveja e Barbudinho começou a falar do EX-NAMORADO kkkk só ladeira abaixo #CasalDaFila

@MundinhoTripleJ

Ok, eu odeio o ex do Barbudinho

@MundinhoTripleJ

EU

QUERO

ABRAÇAR

O

BARBUDINHO!!!!!!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

@MundinhoTripleJ

Não quero mais. Barbudinho acabou de dizer, e eu cito: “Jayff é uma aberração”. Só podia ser Jayson shipper

Só podia ser Jaycob shipper.

@MundinhoTripleJ

Ok, vamos decidir. O #CasalDaFila merece perdão depois de se declararem fãs de Jaycob?

Sim – 54%

Não – 46%

Uau, essa foi por pouco.

@MundinhoTripleJ

Jaycob shippers saindo do bueiro para me atacar!!!! E #CasalDaFila em 23º lugar nos assuntos mais comentados do Brasil!!!! A fama CHEGOU para mim.

@MundinhoTripleJ

Já fizeram uma FANART do #CasalDaFila!!!

Gente, pelo amor de deus, são duas da manhã vão dormit!!! (mentira, fiquem aqui comigo) PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Este

tuíte

tem

uma

imagem

que,

aparentemente, é um desenho meu e do Gustavo.

Se nós dois fossemos magros e personagens de anime. Mas, ainda assim, fofo e

assustador.

@MundinhoTripleJ

Moletom escreve fics de Triple J!!!!!!!! Eu preciso ler!!!!! #CasalDaFila

@MundinhoTripleJ

A fic dele é baseada em Crepúsculo, não sei se vou gostar porque não curto filmes antigos. Eu tinha 3 anos quando esse filme saiu, eles dois devem ter o que? Uns 35? #Daddy

#CasalDaFila

Extremamente ofendido, mas continuo lendo!

@MundinhoTripleJ

Ok, Moletom acabou de ABRIR MÃO DO

SEU CASACO e está esquentando o Barbudinho!!! Eu quero um Moletom pra mim.

@MundinhoTripleJ

Não a peça de roupa. A pessoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

@MundinhoTripleJ

Barbudinho usando o moletom do Moletom é fofo demais, eu não consigo LIDAR!!!!!

#CasalDaFila

@MundinhoTripleJ

Barbudinho

dormiu

e

Moletom

está

FAZENDO CAFUNÉ nele!!!!! Acho que vou parar com as atualizações por enquanto porque estou me sentindo stalker demais. NÃO ME

DENUNCIEM!

Eu *sabia* que o Gustavo tinha feito cafuné em mim! Eu sabia!!!

@MundinhoTripleJ

Bom dia CasalDaFilers! A fila está andando, vou conseguir comprar meu ingresso e até agora nenhum beijo dos dois

@MundinhoTripleJ

BEIJARAM!!!!!!!!

@MundinhoTripleJ

Parem de me pedir VÍDEO DO BEIJO, pelo PERIGOSAS ACHERON

💔

😭

PERIGOSAS NACIONAIS

amor de Deus gente! Vamos dar privacidade para os dois!!!!!!

@MundinhoTripleJ

Obrigada por me acompanharem nessa jornada! Se alguém escrever alguma fic do

do

#CasalDaFila por favor me enviem porque eu não estou pronta para me despedir dos dois Isso encerra o fio de tuítes sobre nós dois, mas logo abaixo tem mais uma atualização. A mais recente, seguida da foto recém tirada de mim. O

flash da câmera reflete nos meus olhos e eu pareço apavorado.

@MundinhoTripleJ

Gente, olha quem está sentado atrás de mim no show! BARBUDINHO!!!!!!!!

— Pera, foi você que fez isso tudo? Você é a Mundinho Triple J? — eu finalmente volto a olhar para a menina na minha frente, que me observa sem nem piscar.

— Em minha defesa, eu estava extremamente entediada. Por favor, não me ache maluca.

— Eu não te acho maluca. É só que… Isso PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui é muito para absorver.

Nos meses em que tive que lidar com o sumiço de Gustavo, eu pensei em todos os argumentos possíveis para acreditar que a gente iria se encontrar novamente. Afinal, quais eram as chances? De nós dois estarmos no mesmo dia, no mesmo lugar, na mesma fila… Eu não sei se acredito em Deus, mas acho que acredito no Destino. Acredito que existe um plano para todas as coisas pequenas que acontecem nesse mundo tão grande e eu tinha certeza que o nosso encontro estava escrito em algum lugar. Só não imaginava que estaria escrito em uma série de postagens no Twitter, sendo lido por milhões de pessoas no país inteiro.

Tudo bem, talvez não milhões, mas pessoas o bastante para que nós dois entrássemos no TOP 23

de assuntos mais comentados. Eu não sei direito como essas coisas de algoritmos funcionam.

— Eu sei! Vigésimo terceiro assunto mais comentado no Brasil não é pra

qualquer um! — ela diz, com orgulho, como se estivesse escrito a narrativa jornalística mais brilhante do ano. O que, para mim, meio que é. — Cadê o Moletom?

— Gustavo — respondo. — O nome dele é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gustavo. O meu é Antônio.

— Gustônio! — ela grita. — Ou Antavo. Não sei. A gente pode fazer uma enquete pra decidir o shipname oficial de vocês.

Eu respiro fundo e tento me segurar para não gritar com essa garota para que ela pare de me enxergar como um personagem fictício por um segundo. Organizo as ideias na minha cabeça e penso em um plano que é brilhante e horrível ao mesmo tempo.

— Seguinte, eu e Gustavo, o Moletom, meio que nos desencontramos. E eu preciso encontrar ele.

Enquanto as palavras saem da minha boca, me dou conta de que talvez o plano seja apenas horrível. Mas não tenho muito a perder.

— Por que você não *manda mensagem* pra ele? — ela pergunta como se eu fosse alguém da Idade Média que acidentalmente chegou aqui depois de uma viagem no tempo.

— Longa história. Eu não consigo mandar mensagem pra ele. Ou ele escolheu não responder.

— Nossa, você quer mesmo perseguir o Moletom que nem o Chris Pratt perseguindo a Jlaw naquele filme de nave espacial? — ela pergunta,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco assustada com o meu comportamento, como se ela não tivesse feito um *extenso registro online* da noite de dois estranhos para todos os seus seguidores.

— Eu tenho certeza que alguma coisa deu errado. Você viu como ele estava a fim! Você PRESENCIOU O CAFUNÉ! Eu preciso encontrar ele de novo — meu tom de voz fica mais alto e desesperado a cada frase.

— Tá bem. O que você quer que eu faça? —

A garota se dá por vencida.

— Me empresta seu celular.

@MundinhoTripleJ

Gente, estou com o Barbudinho aqui (ele se chama Antônio e é um amor de pessoa), e ele se perdeu do Moletom. Se alguém avistar Moletom na arquibancada do show, MANDE

INFORMAÇÕES! ^_^ #CasalDaFila Eu digito no Twitter da Mundinho Triple J e aperto enviar.

— Meu deus você colocou um *emoji manual*.

As pessoas vão achar que eu fui sequestrada — ela comenta, olhando para o texto que acabei de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

publicar. — Tá bem, o que a gente faz agora?

— Agora a gente espera — eu respondo, e começo a roer as unhas imediatamente.

Uma hora se passa e eu divido a minha tensão entre o show, que está perto de começar, e o Twitter no meu celular, atualizando a hashtag #CasalDaFila em busca de respostas. Algumas pessoas mandaram fotos de pessoas que não eram o Gustavo, um cara disse que se eu não encontrar o Moletom e estiver solteiro ele está afim (isso foi bem gostoso de ler, não vou mentir), e outras pessoas disseram que eu sou um lixo humano por shippar Jaycob e estão torcendo pelo meu fracasso porque, bem, as pessoas fazem isso na internet.

É possível escutar alguns instrumentos e microfones sendo testados no palco e o início do show está mais perto do que nunca. Sigo olhando o celular, mas não encontro nada. A garota de cabelo rosa, que na verdade se chama Tati, olha para mim impaciente e ansiosa. Parece que encontrar o Gustavo aqui no show se tornou uma missão tão importante pra ela quanto é para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me preparo para fazer um não com a cabeça quando ela me olha pela vigésima vez nos últimos quarenta segundos, mas agora ela está com um sorriso enorme no rosto e apontando seu celular para mim. A tela exibe uma imagem borrada de um Gustavo que eu reconheceria a quilômetros de distância.

— Acharam!!!! Acharam ele!!!!!! — ela grita.

As luzes do estádio se apagam e, no palco, as caixas enormes começam a emitir o som de um tambor rufando. A lateia começa a berrar e eu sei que o show está prestes a começar porque já assisti à introdução dessa turnê um milhão de vezes no YouTube.

— O que eu faço? — eu grito de volta, apavorado.

Tati relê a mensagem que enviaram com a foto de Gustavo e grita de volta.

— F24! Ele está na F24! Corre!

E então eu corro.

Mas não sem antes abraçar Tati e agradecer por tudo, porque eu sou um ser humano decente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nove

Se a abertura do show brasileiro for exatamente igual à de todos os outros da América Latina, eu sei que tenho mais ou menos três minutos até a banda subir ao palco. Antes de todo show, eles exibem um vídeo emocionantes sobre a trajetória do Triple J, mostrando trechos dos primeiros clipes, das primeiras entrevistas e de quando eles ganharam um VMA de banda revelação e o Jacob tropeçou na escada na hora de ir receber o prêmio.

O vídeo começa e eu já estou correndo. Levo algum tempo para entender como a numeração das arquibancadas funciona e a gritaria se junta às luzes piscando para deixar ainda mais difícil a minha missão de enxergar as placas. Vejo letras e números passando diante dos meus olhos. B32, C26, D39.

Sinceramente, quem inventou essa numeração que não faz sentido nenhum?

Ouço vozes me xingando toda vez que preciso passar por uma fileira apertada e dependo da boa vontade das pessoas para me darem passagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho quase certeza que alguém jogou um copo de guaraná na minha cabeça quando avisto o setor onde Gustavo está. F24! Na minha cabeça, criei esse momento onde eu chegaria aqui e ele estaria de braços abertos me esperando para um abraço. É

óbvio que isso não acontece. Tudo o que eu vejo é um mar de gente, e minha cabeça está girando um pouco porque tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

O vídeo no telão está quase acabando e os gritos atingem seu nível máximo. Eu olho para todos os lados enquanto fico parado no meio do setor, entre um corredor e outro, dividindo minha atenção entre a busca por Gustavo e o palco iluminado, pronto para receber os maiores músicos de todos os tempos (segundo eu mesmo).

O meu esforço físico de correr até ali decide que agora é um bom momento para mostrar suas consequências e minhas pernas começam a formigar. Minha respiração está ofegante e, na falta de um lugar para sentar, eu me jogo no degrau do corredor e espero a adrenalina passar. Me sinto cansado, frustrado e um pouco idiota. Mesmo sentado no chão, ainda consigo ver um pedacinho do palco. A contagem regressiva acaba e o Triple J

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparece no meio de uma cortina de fumaça dramática, cercados de luzes coloridas.

Bem, é nessa parte que eu choro.

Começa meio que com uma lagrimazinha só, e eu quase tento puxá-la de volta pra dentro do olho usando apenas a força da minha mente. Mas, depois de tanto tempo esperando, eu finalmente estou aqui, o show começa e não faz sentido segurar a emoção.

Eu choro e sorrio ao mesmo tempo, e percebo que essa é uma das minhas sensações favoritas. Chorar e sorrir junto. Chorrir.

— Belo casaco — ouço uma voz dizer no meu ouvido.

Eu não preciso nem olhar para saber que é ele, mas olho mesmo assim. Viro meu pescoço com a velocidade máxima que pescoços são humanamente permitidos e encontro Gustavo sentado do meu lado no degrau.

Ele também está chorrindo.

— Eu não acredito que te encontrei — eu sussurro mesmo sabendo que ele não vai conseguir me ouvir no meio do barulho.

A gente fica se encarando enquanto a música começa. Eu vejo o reflexo das luzes do palco nos olhos dele, mas não ouso desviar. Eu quero PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntar por que ele nunca me respondeu, quero saber se está tudo bem, quero mostrar a playlist brega que eu fiz pensando em nós dois. Mas eu não faço nada disso. A gente só se encara por muito tempo até começar a ficar bizarro demais e daí o contato visual meio que se transforma naquele momento em que um fica olhando para a boca do outro. A gente se aproxima, eu sinto as respirações ficando pesadas e acho que se Gustavo realmente não quisesse mais nada comigo, ele não estaria sentado no chão encarando a minha boca.

Eu beijo Gustavo e tudo fica bem.

Quando nossos lábios se encostam, o Triple J

chega no refrão da primeira música e a arena inteira está cantando. É como se cinquenta mil pessoas estivessem comemorando o nosso beijo.

Your kiss is like a campfire.

Seu beijo é como uma fogueira.

Burn me up with all your flames.

Me queime com todas as suas chamas.

You make my heart melt just like a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você faz meu coração derreter como um *Marsh-marsh-marshmallow.*

Marsh-marsh-marshmallow.

A letra horrível de *Marshmallow Heart* finalmente faz sentido para mim. Porque o beijo de Gustavo *de fato* é como uma fogueira e meu coração *de fato* está derretendo como um marshmallow. E eu não quero parar nunca.

Eventualmente nós paramos porque um segurança diz que não é permitido sentar no corredor, mas deixa bem claro que a gente *pode* se beijar no show, só precisamos estar em assentos adequados.

Ele inclusive *comenta* que não tem nada contra gays, inclusive tem um primo gay que mora em Juiz de Fora.

Gustavo me pega pela mão e me leva até as fileiras mais elevadas. Estamos muito longe do palco, mas ainda conseguimos ver tudo. No fundo da arquibancada o som é mais abafado e nós dois PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguimos ouvir um ao outro sem precisar gritar.

— Por que você nunca respondeu? — eu pergunto.

— Por que você nunca me mandou mensagem? — Gustavo pergunta exatamente ao mesmo tempo.

Nós dois parecemos confusos, mas em menos de um minuto conseguimos resolver o mistério e, como já era de se esperar, a solução é frustrante e parcialmente minha culpa.

— O final no meu número é vinte e sete, doze.

Não é vinte e sete, onze — Gustavo diz enquanto olha para o meu celular, lendo as exatas quatro mensagens humilhantes que eu enviei para o número errado, incluindo uma mini historinha que criei com emojis e texto apresentando a possibilidade de Gustavo ter sido abduzido e pedindo pra ele me contar se o McFish em Marte também é horroroso.

— Em minha defesa, eu tinha acabado de acordar quando anotei seu número.

— O importante é que a gente se encontrou.

Eu não volto pra casa hoje sem pegar o seu número *e* trocar mensagens com você bem na sua frente só pra garantir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu abro um sorriso enquanto penso na possibilidade de trocar mensagens com Gustavo bem na minha frente só pra garantir.

— Como você me achou, afinal? — ele pergunta.

— Você não vai acreditar!!! A gente virou o vigésimo terceiro assunto mais comentado do Brasil! — eu grito.

Gustavo parece confuso, o que faz todo sentido, e eu pego meu celular para mostrar a hashtag #CasalDaFila pra ele. O show continua, mas, nesse ponto, é como se Triple J fosse apenas a trilha sonora do nosso encontro.

Abro o perfil @MundinhoTripleJ, mas ele consta como inexistente. Confiro letra por letra, mas tenho certeza que digitei certo. Busco por

#CasalDaFila, por Barbudinho e por Moletom, mas nenhum resultado mostra a história de nós dois.

Não faz sentido, porque estava tudo na internet há alguns minutos. Eu tenho certeza do que vi.

Fizeram uma fanart de nós dois em versão mangá, pelo amor de Deus!!! Eu sei que não estou maluco!!!

É como se tudo aquilo estivesse na internet por um momento limitado, só para que eu achasse o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gustavo no meio da multidão. Como se Tati, a menina do cabelo rosa fosse uma viajante do tempo que apareceu aqui só para garantir que nós dois não iríamos nos perder um do outro.

Bem, talvez eu esteja *um pouco* maluco.

— Depois você me explica — Gustavo diz, fazendo um sinal para que eu guarde o celular. —

Temos um show para aproveitar e eu fiz isso aqui pra gente.

Ele coloca a mão no bolso e tira duas daquelas faixas com letras de glitter escrito “TEAM

JAYCOB”, e eu juro que isso é a coisa mais brega e linda que alguém já fez por mim.

Gustavo amarra sua faixa na própria testa e me ajuda a amarrar a minha.

— Você fez uma extra só pra mim?

— Fiz. Eu sempre soube que a gente ia se reencontrar — ele responde sorrindo.

Nossas mãos se unem enquanto assistimos ao show. O repertório mistura músicas recentes com as mais antigas da banda, e cada uma dessas músicas me traz lembranças dos últimos anos da minha vida. Talvez esse seja mesmo o fim de um ciclo, como eu imaginei que seria. Talvez esse show seja mesmo o favor que eu estava devendo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o Antônio de seis anos atrás.

Mas eu ainda não quero pensar se amanhã terei superado minha paixãozinha por essa boyband e se estarei apto para começar a ser adulto de verdade. Agora eu só consigo pensar em todas as vezes que a vida parecia horrível e eu encontrei conforto nas minhas músicas favoritas. Todas as memórias que eu fiz ao longo da vida só por causa dessa banda. Em todas as vezes que achei que estava sozinho e descobri que não estava. É

inexplicável estar aqui, ouvindo tudo isso ao vivo e gritando com Gustavo toda vez que o Jay e o Jacob se encostam. E, enquanto eu canto alto as letras que decorei sozinho no meu quarto, eu ouço a voz de Gustavo cantando junto comigo.

E dá vontade de nunca mais cantar sozinho de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nota do autor

No dia 28 de fevereiro de 2019, os Jonas Brothers anunciaram que estavam reunidos novamente. No mesmo dia eu comecei a escrever este conto.

Quando os Jonas Brothers estavam no seu auge, em 2009, eu tinha acabado de entrar na faculdade, aos 18 anos, e me sentia imaturo por ser tão obcecado por uma boyband adolescente. Eu fingia que gostava apenas ironicamente e me esforçava ao máximo para que ninguém usasse minha banda favorita como um motivo para me diminuir. Eu não contei para ninguém que faltei aula no dia em que “Camp Rock 2” estreou no Disney Channel. Eu comprava os CDs em uma loja na minha cidade e pedia para embrulhar para presente, para que o vendedor não achasse que eram pra mim. Eu chorei de emoção quando uma amiga comprou para mim uma cópia do *It's About Time* no eBay, o primeiro álbum dos Jonas, esgotado no mundo inteiro. Eu guardo cada pedaço dessa fase da minha vida com carinho até hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando fiquei sabendo que Joe, Nick e Kevin estavam de volta, a minha primeira reação foi gritar no Twitter. E de imediato eu fiquei esperando a culpa e a vergonha baterem, afinal, hoje eu tenho *quase* 30 anos. Mas a culpa não veio. E eu senti tanto orgulho de mim por ter superado isso. Por ter entendido que as músicas que eu escuto quando quero me sentir bem não dizem nada a respeito do quão adulto eu sou.

Escrever a história de Antônio foi a minha forma de relembrar o comecinho dos meus vinte e poucos anos e colocar em um personagem uma grande parte das minhas inseguranças (eu faço isso com frequência). Apesar de ter uma voz constante na minha cabeça me dizendo que *Escrito em algum lugar* é uma história boba demais, melosa demais ou brega demais, eu continuei escrevendo porque ela me fazia tão bem! Eu queria escrever para me divertir e, no final das contas, quis dividir o resultado dessa experiência com outras pessoas.

Se você chegou aqui sem me conhecer, eu tenho dois romances publicados:

Quinze dias e *Um milhão de finais felizes*. Escrever sempre me ensinou muita coisa a respeito de mim mesmo, e com este conto não foi diferente. Eu espero que, de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma forma, Antônio e Gustavo tenham te mostrado que não existe vergonha alguma em ser fã de alguma coisa que faça o resto das pessoas da sua idade revirarem os olhos. Cada lugar onde você deposita seu amor e sua dedicação acaba se tornando um pouquinho de quem você é. E eu tenho certeza que a junção de tudo isso te transformou numa pessoa extraordinária!

Sei que ninguém tem muita paciência para agradecimentos, e que isso aqui é apenas um conto, pelo amor de Deus! Mas só queria deixar registrado aqui meu agradecimento sincero para a Tassi, por ser uma agente incrível. Para Vito e Lucas, por serem amigos que se empolgam com todas as minhas ideias e reagiram com uma empolgação acima da média quando disse que estava escrevendo um conto sobre dois caras se apaixonando por causa de uma boyband que os dois amam. Para Bruno Freire, o artista que fez a ilustração incrível que está na capa desta publicação. Eu amei demais e talvez tenha me pegado encarando a capa na tela do celular toda vez que precisava sorrir um pouquinho. E, por último, obrigado, Rafael, porque eu sei que você ficaria em qualquer fila comigo só para me ver sorrir no final.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sobre o autor

Vitor Martins nasceu em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, e atualmente mora em São Paulo. É autor dos livros *Quinze dias* e *Um milhão de finais felizes*, e de contos nas coletâneas *Todas as cores do Natal* e *Aqui quem fala é da Terra*. Formado em Jornalismo pela Universidade Cândido

Mendes,

atualmente

trabalha

com

marketing editorial. Acredita que a diversidade na literatura jovem é uma arma poderosa, e seu principal objetivo como escritor é contar histórias de pessoas que nunca conseguiram se enxergar em um livro. Twitter: @vitormrtns

“Escrito em algum lugar” copyright © 2019 Vitor Martins.

Todos os direitos reservados.

Edição e revisão: Taissa Reis PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capa:

Bruno

Freire

(brunofreireart.com

/

Instagram: @brunoomfr) **Elementos gráficos:** Freepik/Flaticon/Twitter
Diagramação: Taissa Reis PERIGOSAS ACHERON